

IMPACTO DA SUSPENSÃO DO X: A ABSTINÊNCIA DIGITAL E A CULTURA JUVENIL NA CONTEMPORANEIDADE

Data de submissão: 13/09/2024

Data de aceite: 01/11/2024

Lucas Eugênio de Lima Borsato

Universidade Estadual de Maringá
Centro de Ciências Humanas, Letras e
Artes Aval., Proc. Interv. Psicol. Clínica II
Departamento de Psicologia

Gustavo Felipe Freitas dos Santos

Universidade Estadual de Maringá
Centro de Ciências Humanas, Letras e
Artes Aval., Proc. Interv. Psicol. Clínica II
Departamento de Psicologia

Breno Gabriel dos Santos

Universidade Estadual de Maringá
Centro de Ciências Humanas, Letras e
Artes Aval., Proc. Interv. Psicol. Clínica II
Departamento de Psicologia

A decisão de suspender o funcionamento da rede social X (antigo Twitter) no Brasil, tomada pelo ministro Alexandre de Moraes do Supremo Tribunal Federal (STF), foi motivada pelo descumprimento de diversas ordens judiciais por parte da empresa, sob a direção de Elon Musk, incluindo a exigência de indicação de um representante legal no país e o pagamento de multas acumuladas.

(Vilela; Lopes, 2024). Essa medida gerou um impacto profundo e multifacetado entre os usuários, com destaque para os adolescentes e jovens adultos, grupos que se mostraram particularmente vulneráveis a essa abrupta desconexão de uma das principais plataformas de expressão e interação social da atualidade. (Campos, 2022).

Para muitos jovens, o X (Twitter) não é apenas uma ferramenta de comunicação, mas um espaço essencial para a construção e manutenção de suas identidades sociais e emocionais. A rede serve como um canal onde podem compartilhar pensamentos, sentimentos, e participar de uma comunidade mais ampla, conectando-se com pessoas que compartilham interesses semelhantes ou que oferecem apoio emocional. Assim, a súbita suspensão do acesso a essa plataforma resultou em uma sensação de privação e perda, levando a um sofrimento psicológico significativo entre esses usuários. Essa reação se manifestou de diversas maneiras, desde sentimentos de

ansiedade e frustração até comportamentos de busca intensa por formas alternativas de expressão. (Campos, 2022; Neves, 2015).

Diante dessa privação, muitos adolescentes começaram a migrar para outras plataformas digitais na tentativa de reproduzir a experiência que tinham no X (Twitter). Eles passaram a “tweetar” em outros espaços, como no Instagram, TikTok, ou até mesmo no bloco de notas dos seus celulares, tirando prints de seus pensamentos e compartilhando em outras redes sociais. Esse fenômeno revela não apenas a necessidade quase compulsiva de expressar ideias e sentimentos de forma pública e instantânea, mas também evidencia a dificuldade que muitos jovens enfrentam em encontrar novas formas de comunicação que substituam a dinâmica proporcionada pelo X (Twitter).

Neste trabalho, buscamos analisar essa relação entre o banimento da rede social X (Twitter) e os impactos sociais e psicológicos observados na adolescência. Pretendemos explorar como a necessidade de “tweetar” em novos contextos, a dificuldade em encontrar meios alternativos de expressão, e os efeitos dessas mudanças nas relações sociais dos jovens refletem nas suas experiências cotidianas e no seu desenvolvimento psicoemocional. Além disso, utilizaremos conceitos psicanalíticos para compreender mais profundamente as implicações dessas novas formas de expressão e a maneira como a perda de um meio tão central na vida dos adolescentes pode influenciar sua saúde mental e bem-estar social.

Sobre a relação do adolescente com a cultura e como ela é vivida e sentida por ele, nesse momento é necessário evidenciar a singularidade de cada cultura e como ela influencia a vivência de cada um de formas diferentes. Um jovem que vive em um determinado local, sofre influências do mesmo, por isso, jovens de localidades diferentes são culturalmente distintos. Isso parece óbvio, porém o contexto em que esse jovem está inserido, muitas vezes, explica o que é consumido por ele. Não se deve presumir que todos adolescentes consomem, gostam ou odeiam a mesma coisa apenas por terem idades semelhantes.

Ao relacionar o Twitter com o mundo adolescente, é notório que nessa rede existem vários públicos e que estes consomem coisas variadas, porém de uma maneira geral, é possível dizer que todos sentiram algum impacto a partir do desligamento da rede, mesmo que de maneiras e graus diferentes. Vários adolescentes, assim como a menina do vídeo, vem postando em outras redes sociais “tweets”, assim como faziam no Twitter, alegando que sentem falta de se expressar livremente. É curioso como essa rede se tornou um lugar de conforto para alguns, onde podiam desabafar, fazer amigos, falar sobre o que quisessem, muitas vezes sem zelo nenhum pelo outro ou até por si.

No Twitter os jovens tinham sua própria cultura, a linguagem usada na rede era modificada diariamente, todo dia surgia um novo meme, um novo vocabulário, um novo dialeto. Nesse ambiente era permitido um humor “mais pesado”, humor esse que em outras redes não eram bem vistos, e também, incompreendido pelas gerações mais velhas, na maioria das vezes.

O adolescente se identifica com outros adolescentes, já que não vê no adulto esse apoio e identificação e sim apenas um poço de cobranças, os mesmos são vistos como rebeldes e/ou preguiçosos. Falar mal dos pais no Twitter, é um exemplo de vivência que gerava um sentimento de identificação entre os jovens, uma sensação de que não passam por isso sozinhos.

Cada geração ao mesmo tempo que produz novas culturas, acaba produzindo também contraculturas, são tentativas de negar o que as gerações anteriores impõe às novas. O Twitter é um exemplo de local, onde esses jovens podem demonstrar suas insatisfações, publicar seus novos costumes.

É nas redes sociais que muitos jovens e adolescentes também constroem suas identidades. Segundo Nasio, é a identidade que regula o indivíduo, é a partir dela que o jovem delimita suas interações sociais e o seu relacionamento com o outro. A identidade é subjetiva, irá depender de jovem para jovem, ao mesmo tempo, de cultura para cultura, sendo possível existir diferentes jeitos de construir e de viver cada identidade. É na adolescência que o evento canônico de definir qual grupinho fazer parte acontece.

O sentimento de pertencimento pode surgir ao passo que identidades semelhantes se encontram, esse movimento se tornou mais comum com a internet e com as redes sociais. O Twitter é um exemplo disso, é possível acessar modos de existir, de culturas completamente distintas que antes eram desconhecidas, já que antes os jovens se relacionavam apenas dentro do contexto em que nasceram. A comunicação através da internet possibilitou trocas, sendo possível construir identidades diferentes e cada vez mais plurais.

A identidade é construída a partir da troca individual e social, implica o eu e o outro e na internet a procura pode ser motivada por amizades, busca de reconhecimento, de prestígio e de igualdade. Por isso, essa relação está relacionada à ideia de pertencimento, os jovens sentem-se pertencentes em grupos sociais e muitos desses grupos podem ser online. É um sentimento de união muito forte, por exemplo, no Twitter quando fãs fazem mutirões para que seus ídolos venham cantar no Brasil, pessoas que nunca se viram mas que possuem um mesmo interesse, se sentem conectadas de uma forma inimaginável.

Outro tema abordado em um dos tópicos foi o da saúde digital, que destaca a influência crescente da tecnologia e das plataformas digitais na vida dos adolescentes, sendo especialmente relevante quando analisamos o fenômeno recente de jovens migrarem para outras plataformas após o banimento do X.

O uso das mídias digitais por adolescentes é descrito como algo inerente ao seu cotidiano, com a internet e as redes sociais sendo utilizadas tanto para manter conexões sociais quanto como fonte de entretenimento e informação. No contexto atual, quando uma rede social é banida, muitos jovens recorrem a outras plataformas para suprir essa ausência, o que evidencia a dependência dessas ferramentas para interações sociais e atividades diárias. Isso se relaciona diretamente à questão da “saúde digital”, onde o

uso intenso de redes sociais pode trazer riscos à saúde física, mental e emocional dos adolescentes, conforme descrito no texto.

Ademais, a precariedade da saúde digital de muitos jovens se reflete incapacidade de se envolver em relações de outros formatos, pois se o banimento de uma rede poderia ser uma saída forçada desse meio digital, o que na maioria dos casos ocorreu foi um incentivo para intensificar o uso de outras redes.

Fruto dessa problematização, buscaremos aqui relacionar as discussões até aqui tecidas agora com um viés psicanalítico. A adolescência contemporânea é uma fase repleta de complexidades e desafios, marcada por intensas transformações físicas, emocionais e sociais que desempenham um papel crucial na formação da identidade do indivíduo. Este período é caracterizado por uma busca incessante por autoconhecimento e aceitação, onde o jovem enfrenta o desafio de consolidar sua identidade em meio a um turbilhão de impulsos internos e expectativas sociais. (Násio, 2011). A psicanálise, oferece uma perspectiva profunda sobre essa fase do desenvolvimento humano, entendendo-a como um momento em que a sexualidade e a agressividade emergem com força renovada, criando tensões significativas que o adolescente precisa gerenciar para construir uma identidade coesa. (Násio, 2011; Castro; Stürmer; Albornoz, 2009).

Um dos aspectos centrais dessa transição da infância para a fase adulta é o processo de luto, que não se limita apenas à perda de um estado anterior, mas envolve o abandono de diversas facetas da infância que moldaram a identidade do jovem. Durante a infância, o mundo parece mais seguro e previsível, com figuras de autoridade, como pais e professores, sendo vistas como fontes infalíveis de proteção e orientação. Entretanto, à medida que o adolescente avança em direção à maturidade, ele é confrontado com a realidade de que essas figuras não são perfeitas, revelando um mundo mais complexo e, por vezes, desiludido. (Násio, 2011; Castro; Stürmer; Albornoz, 2009; Nasser, 2021).

Como o autor J. D. Násio discorre em seu texto “Como agir com um adolescente difícil?: Um livro para pais e profissionais” (2011) esse luto se manifesta na percepção alterada dos pais, que na infância eram frequentemente idealizados como heróis capazes de resolver todos os problemas. Com a adolescência, essa visão começa a se desintegrar, gerando um sentimento de perda e desorientação. O jovem deve, então, lidar com a decepção ao perceber que seus pais têm falhas e limitações, o que contribui para uma sensação de luto ao abandonar a visão idealizada que possuía. Paralelamente, o adolescente também deve se desapegar da visão de mundo mais simplificada e ingênua da infância. Essa nova compreensão da complexidade das relações sociais, emoções e expectativas implica deixar para trás a inocência e simplicidade da infância, um processo que pode ser profundamente angustiante.

Esse luto é acentuado pelo intenso conflito interno que o adolescente enfrenta ao tentar equilibrar seus impulsos naturais de afirmação e exploração de sua identidade, incluindo sua sexualidade, com as normas sociais e expectativas familiares. (Nasser,

2021). Tal conflito pode gerar sentimentos de insegurança e desunião interna, onde o jovem se vê forçado a abandonar partes de si mesmo que não se encaixam mais em sua nova realidade. Esse processo doloroso pode se manifestar em comportamentos desafiadores, como a rebeldia, e na busca por pertencimento em grupos sociais que, embora ofereçam uma nova identidade, também podem ser prejudiciais e gerar crises emocionais. (Násio, 2011; Nasser, 2021).

Quando associamos essa dinâmica ao recente banimento da rede social X (antigo Twitter) no Brasil, podemos observar um paralelo interessante entre o luto vivenciado na adolescência e a sensação de perda que os jovens experimentaram com a suspensão de uma plataforma digital central em suas vidas. Para muitos adolescentes, o X (Twitter) era mais do que uma simples ferramenta de comunicação; era um espaço vital para a expressão de suas identidades, emoções e para a construção de laços sociais. A súbita privação desse meio de expressão gerou uma sensação de luto coletivo, na qual os jovens foram obrigados a abandonar uma parte importante de suas rotinas e formas de interação. (Dantas, 2002; Murthy, 2018).

Essa perda foi exacerbada pela dificuldade de canalizar a libido, entendida como a energia psíquica ligada às pulsões, para outras direções. A rede social X (Twitter) funcionava como um importante canal para a descarga dessas energias, permitindo que os adolescentes expressassem seus pensamentos, sentimentos e angústias de maneira imediata e pública. Com o banimento, muitos jovens se viram forçados a buscar alternativas para essa necessidade de expressão, migrando para outras plataformas ou encontrando formas criativas de replicar a experiência do “tweeter” em espaços diferentes, como o Instagram, TikTok ou até mesmo o bloco de notas de seus celulares. (Correia, 2022; Dantas, 2002).

Vale destacar aqui as dimensões da expressão de ideias e sentimentos em redes sociais mencionadas anteriormente: Imediata e pública. A expressão imediata e pública de emoções é vital na adolescência, pois permite que os jovens lidem rapidamente com sentimentos intensos, proporcionando alívio e regulação emocional. Compartilhar essas experiências em plataformas como o X (Twitter) oferece validação externa e ajuda na construção de identidade, além de promover a interação social e o senso de pertencimento. A visibilidade pública das emoções não só externaliza as angústias internas, mas também cria uma narrativa compartilhada, reduzindo a solidão e fortalecendo a resiliência emocional através do apoio entre pares. (Souza; Cunha, 2019; Bordignon; Bonamigo, 2017). Contudo, ao refletir profundamente sobre a situação gerada pelo banimento da rede social X (Twitter), surge a questão: até que ponto essa necessidade de expressão imediata e pública é realmente saudável? Embora essas plataformas ofereçam um espaço para que os adolescentes se conectem e expressem suas emoções, elas também podem intensificar a dependência da validação externa e a exposição constante, o que pode exacerbar sentimentos de inadequação e ansiedade. A perda de um canal como o X

(Twitter) pode, paradoxalmente, forçar os jovens a confrontarem suas emoções de maneira mais introspectiva e menos imediata, o que, embora doloroso, também pode promover um desenvolvimento emocional mais profundo e resiliente. O desafio, portanto, reside em encontrar um equilíbrio entre a necessidade de expressão pública e a capacidade de processar emoções de forma privada, permitindo que o adolescente desenvolva uma identidade forte e segura, independente das respostas externas.

No entanto, as alternativas para suprir a suspensão da rede social não substituem plenamente o espaço perdido, e a dificuldade em encontrar novas formas de expressão adequadas intensifica o luto psíquico. A incapacidade de direcionar suas pulsões para outros meios pode gerar sentimentos de frustração, ansiedade e desamparo, refletindo a mesma angústia vivida durante o processo de luto na adolescência. O jovem, assim como na transição da infância para a vida adulta, é novamente confrontado com a necessidade de adaptação e reinvenção diante de uma perda significativa, e essa adaptação nem sempre ocorre de maneira suave ou sem conflitos internos. (Correia, 2022; Dantas, 2002; Násio, 2011; Castro; Stürmer; Albornoz, 2009; Nasser, 2021).

A adolescência contemporânea é também marcada por um contexto social e cultural que amplifica esses desafios. A presença constante das redes sociais, por exemplo, cria um ambiente onde a comparação e a busca por validação externa se tornam ainda mais intensas. (Abjaude, 2020). Os adolescentes são bombardeados por imagens e mensagens que moldam suas percepções sobre o que significa ser aceito e amado, o que pode exacerbar a insegurança e a ansiedade. Nesse cenário, a construção da identidade se torna um processo ainda mais complexo, pois os jovens precisam equilibrar suas experiências internas com as expectativas externas que muitas vezes são irreais. (Correia, 2022; Dantas, 2002).

A psicanálise, ao considerar a adolescência como um luto da infância, nos ajuda a entender que essa fase é um momento de perda e ganho simultâneos. O adolescente deve perder seu corpo de criança e o universo familiar no qual cresceu, enquanto conserva suas emoções e sensações infantis e conquista a idade adulta. Essa transição é dolorosa e repleta de ambivalências, mas é também uma oportunidade de crescimento e autodescoberta. O adolescente contemporâneo, portanto, não é apenas um ser que sofre, mas também um ser que assiste à eclosão do próprio pensamento e ao nascimento de uma nova força criativa. (Násio, 2011).

A retirada inesperada da rede social X teve um impacto significativo sobre os adolescentes, que não viam a plataforma apenas como um local de entretenimento, mas como um espaço essencial para moldar e expressar suas identidades e manifestar suas relações, afetos e atravessamentos. Todo o aparato social e o turbilhão de sentimentos e conflitos da adolescência podiam se conectar ali em uma rede de outros jovens, juntamente com um processo de identificação, e serem expressados e acolhidos em frases de no máximo 280 caracteres. Isso para adolescentes que possuem dificuldade de expressão consiste em

um passo significativo em rumo de nuances mais interiores de si. (Abjaude, 2020; Correia, 2022; Dantas, 2002). Dentro da psicanálise, a perda abrupta da rede social X pode ser compreendida à luz do conceito de “objeto transicional” desenvolvido por Winnicott, que originalmente descrevia a transição de objetos físicos utilizados por crianças para aliviar a ansiedade da separação da figura materna. Na adolescência, essa função transicional migra para espaços simbólicos e digitais, como as redes sociais, que se tornam ambientes essenciais para a regulação emocional e o desenvolvimento identitário. O X, assim como outras plataformas virtuais, operava como um espaço seguro onde os adolescentes podiam explorar e experimentar diferentes aspectos de sua subjetividade, ao mesmo tempo que recebiam validação externa. Esse processo de autoexploração e validação desempenha um papel crucial na elaboração psíquica das ansiedades e na formação do eu, especialmente em um período da vida marcado por intensas transformações internas e sociais. (Valdez, 2014).

A retirada desse “objeto transicional” digital coloca o adolescente em uma posição de vulnerabilidade psíquica, similar à descrita por Winnicott em relação à privação do objeto físico na infância. A ausência desse espaço de segurança pode desencadear uma regressão emocional, levando o adolescente a manifestar comportamentos impulsivos ou regressivos, como tentativa de preencher o vazio deixado pela perda. Essa situação expõe a fragilidade da construção identitária em um momento em que o jovem está intensamente envolvido na tarefa de consolidar sua autoimagem e autonomia. A rede social, nesse sentido, não apenas proporcionava um cenário para a expressão de sentimentos e pensamentos, mas também funcionava como um mecanismo de apoio psicológico que ajudava a conter e estruturar a experiência emocional, facilitando a passagem para uma maior independência e maturidade emocional. Sem esse suporte, o adolescente pode experimentar uma desorganização psíquica, que reflete a ruptura de um vínculo simbólico que havia se tornado central para a sustentação de sua identidade em formação. (Valdez, 2014).

Além disso, Freud nos oferece uma compreensão da importância do superego, que nas redes sociais se manifesta através das normas e expectativas reforçadas por likes, comentários e compartilhamentos. A rede social funcionava como um espelho social, no qual o adolescente podia observar o reflexo de suas ações e ajustar seu comportamento conforme as reações dos outros. Com a suspensão do X, esse espelho foi quebrado, removendo um mecanismo crucial de feedback social e deixando o adolescente sem uma bússola para guiar suas condutas. (Násio, 2011; Outros). Isso pode intensificar a sensação de desorientação e angústia, levando o jovem a buscar novos meios de expressão e validação em outras plataformas digitais, como Instagram ou TikTok, ou mesmo recriando o ambiente perdido de maneira criativa e improvisada, como escrevendo “tweets” em blocos de notas. A compulsão para continuar o ciclo de retroalimentação social, mesmo na ausência da rede original, demonstra a necessidade psíquica de manter uma conexão

constante com o mundo externo, que é fundamental para a estabilização emocional nessa fase da vida.

A suspensão abrupta da rede social X não apenas desvela a fragilidade das identidades em formação, mas também expõe a perversidade de um sistema que submete a construção subjetiva dos jovens a dispositivos tecnológicos voláteis e mercadológicos. No cerne dessa dinâmica, reside uma crítica profunda à dependência contemporânea das plataformas digitais como mediadoras da existência e da validação social. A substituição dos laços comunitários orgânicos por algoritmos que regulamentam as interações humanas revela uma sociedade que, paradoxalmente, clama por autenticidade enquanto aprisiona seus indivíduos em uma constante busca por aprovação e reconhecimento virtual. Esse processo de alienação, ao invés de promover a autonomia e a solidificação da identidade, constrange os sujeitos a uma incessante performatividade superficial, fragilizando as bases emocionais e psíquicas de uma geração que, em sua busca por pertencimento, se vê cada vez mais subjugada pelas imposições de um sistema que valoriza a imagem e o consumo sobre a essência e o ser.

Assim, ao refletirmos sobre essa situação à luz da psicanálise, percebemos que a suspensão da rede social X foi muito mais do que um mero incidente técnico. Foi um evento com repercussões profundas na psique adolescente, revelando tanto a fragilidade quanto a resiliência dessa fase do desenvolvimento. A perda de um “objeto transicional” tão significativo trouxe à tona angústias e desamparos, mas também abriu espaço para novas formas de sublimação e crescimento. Essa dualidade, entre o impacto negativo e a resposta criativa, nos oferece uma compreensão mais rica e complexa da adolescência contemporânea, demonstrando como os jovens são capazes de transformar crises em oportunidades de desenvolvimento e expressão.

REFERÊNCIAS

ABJAUDE, Samir Antonio Rodrigues et al. Como as mídias sociais influenciam na saúde mental?. **SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas (Edição em Português)**, v. 16, n. 1, p. 1-3, 2020.

BORDIGNON, Cristina; BONAMIGO, Irme Salete. Os jovens e as redes sociais virtuais. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 12, n. 2, p. 310-326, 2017.

CAMPOS, Bárbara Moraes do Amaral. **Os efeitos negativos das redes sociais na adolescência**. 2022. Tese de Doutorado.

CASTRO, Maria da Graça Kern; STÜRMER, Anie; ALBORNOZ, Ana Celina Garcia. **Crianças e adolescentes em psicoterapia: a abordagem psicanalítica**. Porto Alegre: Artmed, 2009. 359 p. ISBN 978-85-363-1993-3.

CORREIA, Geovana Pereira et al. Saúde mental no Twitter: análise de manifestações por meio de mineração de dados. **Novos Olhares**, v. 12, n. 2, p. 116-130, 2023.

DANTAS, Nara Maria et al. **Adolescência e psicanálise: uma possibilidade teórica**. 2002.

MACEDO, Lix. tweets que eu faria se o twitter estivesse funcionando...[@lizx.macedo]. 02 set. 2024. [Video]. TikTok. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMrKKURsR/>. Acesso em: 03 set. 2024. MURTHY, Dhiraj. **Twitter**. Cambridge: Polity Press, 2018.

NASIO, J. D. **Como agir com um adolescente difícil?**: um livro para pais e profissionais. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. 121 p. ISBN 978-85-378-0694-4.

NASSER, Mariana Arantes *et al*, (org.). **Linha de Cuidado para a Saúde na Adolescência e Juventude para o Sistema Único de Saúde no Estado de São Paulo**. São Paulo: LCA&J, 2021. 385 p. ISBN 978-65-00-27795-1.

NEVES, K. S. S. M. et al. Da infância à adolescência: o uso indiscriminado das redes sociais. **Revista Ambiente Acadêmico Cachoeiro de Itapemirim**, v. 1, n. 2, p. 119-139, 2015.

SOUZA, Karlla; DA CUNHA, Mônica Ximenes Carneiro. Impactos do uso das redes sociais virtuais na saúde mental dos adolescentes: uma revisão sistemática da literatura. **Revista Educação, Psicologia e Interfaces**, v. 3, n. 3, p. 204-207, 2019.

VALDEZ, María Lucía Muro Mesones. **El "objeto transicional" en la adolescencia**. Pontificia Universidad Católica del Perú (Peru), 2014.

VILELA, Luiza; LOPES, André. Fim do X no Brasil? Alexandre de Moraes executa ordem de suspensão da rede social em todo o país. **Exame**, [S. l.], p. Online, 30 ago. 2024. Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/fim-do-x-alexandre-de-moraes-executa-ordem-de-suspensao-da-rede-social-em-todo-o-brasil/>. Acesso em: 2 set. 2024.